

UM OLHAR SOBRE O CURSO DE PEDAGOGIA DO CMRV-PI NA VOZ DE UMA EGRESSA

Sonia Maria Santos do Nascimento - PPGEd/UFPI

1 (AUTO) BIOGRÁFIA: ALIANÇA ENTRE PESQUISA E FORMAÇÃO

Neste texto, apresento o estágio de desenvolvimento da pesquisa colaborativa que estou realizando, em nível de mestrado, sobre o modelo formativo do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, Campus de Parnaíba. O procedimento metodológico utilizado é a narrativa de vida profissional. Nesta perspectiva, as histórias de vida são consideradas como fatos vivos, registrados por meio de narrativas escritas. Como parte inerente da estruturação metodológica desta pesquisa, delimito a discussão apresentada neste texto na minha própria narrativa de vida profissional.

Ancorando a análise nessa narrativa, desvelo momentos importantes de minha vida, destacando os momentos mais importantes vividos no Curso em referência. Dessa forma, a (auto) biografia recontada neste texto traz à tona outra história: o modelo de formação do Curso de Pedagogia-Magistério da UFPI - Campus de Parnaíba.

No ponto de vista da formação, as narrativas criam espaço para os sujeitos narrarem suas histórias, falarem de si, refletirem e compreenderem a si mesmos e aos outros. Assim como, possibilita a quem escuta ou ler essas narrativas questionar-se sobre o seu próprio percurso de formação.

As narrativas de formação permitem ao sujeito encontro consigo mesmo, compreensão do modelo formativo pelo qual passou e auto-reflexão das experiências vividas. Este tipo de narrativa, segundo Chené (1988, p. 90), “[...] apresenta um segmento da vida: aquele durante o qual o indivíduo esteve implicado num projeto de formação”. Para essa autora, a narrativa de formação tem como objetivo principal falar da experiência de formação.

Dominicé (1988, p. 137) define o processo de formação como:

[...] um conjunto ou uma globalidade própria da vida de cada adulto, dessa forma, compreende-se que a história de formação de cada um é sua história de vida. A história de vida segundo esse mesmo autor [...] passa pela família. É marcada pela escola.

Orienta-se para a formação profissional e, em consequência, beneficia-se de tempos de formação contínua [...].

A formação engloba todo período de escolarização, assim como, o tempo em que a pessoa passou pelo processo de formação profissional. Com isso, ao narrar o período de formação, conseqüentemente, são relatados momentos em que a pessoa esteve na escola e períodos da vida profissional.

A história da formação de determinada pessoa está interligada a da vida pessoal, dessa forma, não há como negar que o pessoal e o profissional são inseparáveis. Ao narrar a trajetória de vida, o docente passa por um processo de reflexão em que compreende melhor o percurso vivido no passado, relacionando-o ao momento presente. A esse respeito, Chené (1988, p. 96) comenta:

[...] a narrativa leva à compreensão do percurso da formação. Na prática, permite igualmente que o formador encontre o seu projeto de ser e se forme através da fragilidade das figuras que tomam no tempo da narração e se reaproprie do julgamento de competência que se faz sobre si próprio.

Dessa maneira, esse procedimento permite que o professor discuta sobre o processo formativo ao qual fez parte, a partir do olhar dele próprio, colocando em pauta o processo identitário do ser professor e estar na profissão, as lutas e os conflitos de momentos que são particulares, mas, ao mesmo tempo, são coletivos, pois trazem também à tona a própria história da profissão docente e da formação dos professores em geral.

Nesse sentido, destaco que esse tipo de narrativa oferece oportunidade para a pessoa conhecer seu processo educacional e a si mesma, já que ajuda na compreensão das regularidades e irregularidades ocorridas na época da escolarização que são resgatadas pela história narrada, pois ela realça lembranças marcantes da escola, das práticas, da cultura escolar, dos colegas, dos professores, enfim, de uma história que acontece paralelamente ao currículo oficial desenvolvido pela escola. As experiências vividas neste momento representam espaços de formação da pessoa e do profissional que essa pessoa se transformará.

Nesta perspectiva, a narrativa tem por si só efeito formador, pois enquanto o narrador relata determinados fatos, termina fazendo reflexões críticas de aspectos da vida antes não rememorados. Neste sentido, a narrativa de vida ou de formação contribui para

melhor compreensão dos caminhos escolhidos acerca da profissão, assim como, das etapas ocorridas no período da vida escolar.

Como processo de investigação, o pesquisador faz uso das narrativas para colher fatos capazes de ajudar no andamento do estudo. Nesse processo, é importante que se escute a história do narrador e dirija a ele questões investigatórias relacionadas com a pesquisa. Desta forma, é necessário colher o maior número possível de dados da vida do narrador para que possa melhor desenvolver o trabalho. É importante também que se registrem gestos olhares, choro, sorriso, pausas, entonação, isto é, o lado afetivo que circula no momento da narração, pois estas expressões podem contribuir com o processo de investigação.

Pesquisadores que utilizam a (auto) biografia ou como procedimento metodológico ou como método de pesquisa precisam atentar para a qualidade da narrativa produzida, considerando que ela depende do envolvimento do partícipe, da vontade e da capacidade de (re) construir sua vida, recorrendo à memória. Nesse processo, evidencia-se a capacidade da pessoa relacionar sua vida atual com as lembranças do passado.

Ao narrar uma história de vida, entra em campo o modo como cada pessoa evidencia valores e crenças de determinada época, relacionando esses aspectos da vida atual com a passada. A versão dessa história depende, portanto, do momento em que ocorre a narrativa.

A narrativa escrita de uma aluna egressa do Curso de Pedagogia de Parnaíba-PI é a matéria-prima desta pesquisa. Desta forma, passo a retratar como essa história foi vivida...

2 CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DE UMA TRAJETÓRIA

A formação do professor pode acontecer no dia-a-dia, de maneira informal, aprendida por imitação de mestres do passado, bem como pela intuição e pelo saber fazer que a própria sala de aula leva o professor a realizar, assim como pode acontecer pela formalidade ocorrida nas instituições de ensino superior.

Nos anos 80, segundo a professora Maria Christina de Moraes Sousa Oliveira (1994), muitos professores da cidade de Parnaíba desejavam ampliar seus estudos na área pedagógica, outros desejavam regularizar sua situação funcional junto às escolas que

trabalhavam. Desta forma, muitos enfrentavam desafios diversos em períodos de férias para cursar Licenciaturas em outros Estados, por outro lado, aqueles com condições financeiras insuficientes ficavam sem qualificação de nível superior.

Em decorrência dessas limitações, a equipe formada por professores do CMRV (Campus Ministro Reis Velloso), professores de 1º e 2º graus de escolas públicas e particulares, representantes das diversas áreas de ensino e representantes da comunidade, passaram a lutar pela implantação do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia no CMRV (Campus Ministro Reis Velloso/ Parnaíba).

Implantado em 1985, o curso teve seu primeiro quadro funcional composto por 5 (cinco) professores quase todos oriundos da Escola Normal Francisco Correia. Hoje, porém, este fato mudou, as vagas são preenchidas por meio de concurso público de provas e títulos.

Este estudo tem como foco central, justamente a reconstrução do modelo formativo deste curso. Como ponto de partida para essa reconstrução, delimitamos como referência, o olhar dessa pesquisadora, egressa deste Curso. A questão que desencadeou este trabalho foi: qual o modelo formativo do Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia, do Campus Ministro Reis Velloso – Parnaíba na época da sua construção? A resposta para essa questão parte de dois caminhos, o primeiro está sendo construído a partir do olhar dos professores fundadores, o segundo a partir do nosso próprio olhar, que se constitui, ao mesmo tempo, na posição de narradora do meu próprio percurso como aluna desse curso e na posição de pesquisadora que ajuda os outros narradores a desvelarem essa construção.

2.1 NARRATIVA DE SI

Conforme já destacamos, este artigo parte da minha narrativa de vida pessoal e profissional. Nesta narrativa a ênfase é posta nos seguintes pontos: aspectos rememorados de outros níveis de ensino, o ingresso no curso, os meus projetos de vida pessoal e profissional, a trajetória profissional.

Iniciei minha vida escolar em um contexto histórico tradicional e autoritário, uma vez que ingressei na primeira série do primário, especificamente em 1976, na Escola Pública Comercial de Parnaíba, esta funcionava nos turnos manhã e tarde, em um prédio antigo, de salas amplas, que abraçava todo o primeiro grau.

Destes primeiros anos, muitos fatos não foram registrados, outros se perderam no tempo, talvez porque, conforme Kullo (2000, p. 19), [...] “a história não se constrói, num contínuo somatório de fatos, e sim de rupturas e descontinuidades”.

Uma lembrança viva está na primeira professora, meiga, doce, carinhosa, sempre amável com as crianças, fugindo assim, do modelo-padrão de educadores da época que se caracterizava pela postura conservadora e autoridade máxima do processo educativo.

As memórias em relação aos conteúdos aplicados nesse primeiro momento não foram registradas, ficando somente, um sentimento de respeito, admiração e amor pela professora que me fora destinada. Não sei quanto tempo passei para ser alfabetizada, mas sei que foi uma bênção ser acompanhada durante três anos consecutivos por Dona Rosilene, que mesmo fazendo parte de um modelo tradicional e autoritário, acreditava no potencial dos alunos e dava-nos chances de mostrar nossas capacidades.

Em 1980, ingressei no ginásio, tudo aos meus olhos era novo, havia vários professores, para várias disciplinas, a proibida caneta esferográfica até então fora liberada e um punhado de livros e cadernos passaram a fazer parte do meu novo cenário.

As diversas disciplinas eram ministradas por vários professores de forma fragmentada, não permitindo fazer relação dos conteúdos com a minha vida prática. A Língua Estrangeira geralmente se resumia à construção de frases fora do contexto da minha realidade, a Língua Portuguesa, resumia-se à reprodução do que determinava o livro didático, as demais disciplinas como Ciências, História e Geografia me faziam decorar enormes questionários, sem acesso a questionamento, sem direito a trabalhar a imaginação e a criatividade.

A pesquisa desenvolvida como atividade escolar resumia-se em idas e vindas à biblioteca pública municipal copiar trechos de velhas enciclopédias, pois me faltava orientação, me faltava conhecer o verdadeiro sentido do pesquisar, “como condição essencial do descobrir e do criar”, conforme atesta Demo (1996, p. 32).

Nesse período, já se falava em uma pedagogia renovada, mesmo assim o que predominava era a velha tradicionalidade, a aprendizagem continuava centrada no professor, eu era, portanto, o modelo perfeito daquela prática, eu não só ouvia, memorizava e reproduzia tudo que me era ensinado, como também era um exemplo de disciplina, pontualidade e assiduidade.

Em 1984, iniciei meu segundo grau na Escola Normal Francisco Correia, na cidade de Parnaíba – PI. Essa escola preparava professores para docência nas quatro primeiras

séries do ensino de primeiro grau, através de uma habilitação profissional, podendo se estender até a 6ª série do curso ginásial, caso o aluno tivesse completado o curso em mais um ano de estudos adicionais.

Nesse período, pouco se ouvia falar, na cidade, em mulheres que tivessem outras profissões que não fosse a de professora, desta forma, o Curso Normal abraçava grande parte da população feminina que desejava ter uma profissão.

Assim, foi em um ideário escolanovista e em um discurso tecnicista que cursei meu segundo grau, haja vista que a formação caracterizava-se por um punhado de métodos, técnicas e procedimentos para planejar e resolver problemas. Neste modelo o que é valorizado não é o professor, mas a tecnologia; o professor é mero especialista na aplicação de manuais e sua criatividade fica restrita aos limites possíveis da técnica utilizada.

O sistema educacional na realidade, não deixava espaço para reflexão e a investigação, as disciplinas, portanto, eram compostas por procedimentos e modelos que se bem internalizados poderiam garantir o sucesso da professoranda. “A Didática era definida como uma disciplina técnica e que tinha como objeto específico a técnica de ensinar” (PILETTI, 1993, p. 42). A mesma era apenas uma disciplina que compunha o currículo da escola, e estava longe de ser uma possibilitadora de construção da identidade do professor, capaz de fazer o mesmo refletir criticamente sobre sua prática e compreender os saberes pedagógicos que os orientavam.

No ano de 1985, iniciei o estágio supervisionado que foi realizado de forma paralela às diversas disciplinas, haja vista que, esse era um dos componentes curriculares da Habilitação do Magistério. Comecei indo para uma sala de aula de segunda série, munida de fichas observar como acontecia uma aula nos seus diversos momentos, nesse tipo de atividade o que ficava determinado era um distanciamento entre a professora regente e a presença da estagiária uma vez que, não havia uma discussão entre o que seria aplicado e o que seria observado.

A continuação desse estágio acontecia no terceiro ano, nesse período havia uma intensificação de micro-aulas nas diversas disciplinas, para que pudéssemos treinar como proceder a frente as salas de aula. Nessa perspectiva acontecia o Estágio Supervisionado nas diversas séries do antigo primário. A esse respeito, Pimenta (2005, p. 70) enfatiza que,

A finalidade do Estágio Supervisionado é proporcionar que o aluno tenha uma aproximação à realidade na qual irá atuar. Portanto, não deve colocar o estágio como pólo prático do curso, mas como uma aproximação à prática, na medida em que será conseqüente à teoria

estudada no curso, que, por sua vez, deverá se constituir numa reflexão sobre e a partir da realidade da escola pública da 1ª a 4ª série.

Fiz esse estágio na mesma escola onde cursei todo o meu Ensino Fundamental, lá como em outras escolas, após vários anos perduravam as questões escritas no quadro de giz ou copiadas nos livros didáticos e os alunos continuavam sobre o processo de memorização, que por sua vez, não lhes davam clareza das concepções desenvolvidas no cotidiano escolar.

Esse estágio exigia que a professoranda assumisse a sala de aula, em forma de tirocínio, durante vinte horas semanais. Sobre o olhar da professora regente da sala, que, munida de uma ficha de observação, observava o desenvolvimento da estagiária que era registrado, levando em consideração o material didático utilizado, a postura, o tom de voz e a segurança da estagiária. Dessa forma, para a maioria das estagiárias essa atividade era encarada com pavor, por essa razão, as salas de aula escolhidas para a realização da regência eram escolhidas, de preferência, onde houvesse uma professora amiga ou uma sala composta por crianças menos trabalhosas, características consideradas importantes, pois, facilitavam o trabalho e a aprovação da estagiária. Após essa atividade, voltávamos com as fichas assinadas pela professora regente da sala e pela diretora da referida escola. Esse material era repassado para a professora de Prática de Ensino e o estágio estava encerrado. Concluído o estágio de regência, o de observação e todas as disciplinas que compunham a grade curricular do curso, o aluno(a) estava habilitado para exercer a docência de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental.

Foi pensando em dar continuidade ao que havia estudado no Curso Pedagógico na Escola Normal, assim também por não haver na época na cidade de Parnaíba outros cursos superiores aos quais me identificasse, que, em 1986, comecei a cursar Licenciatura Plena em Pedagogia, na Universidade Federal do Piauí – Campus Ministro Reis Velloso.

A Universidade era Grande para tão poucos alunos, na minha turma éramos somente seis, nos tornamos mais do que amigos, tornamo-nos grandes parceiros. Nesta trajetória, quanto os cultivei, com eles aprendi a importância do contato com o outro, a convivência com os mesmos me fortaleceu. Percebi com isso que a relação entre os alunos deste nível de ensino, conseqüentemente é mais duradoura.

Nesse período, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 5.692/71, lei que fixava as Diretrizes de 1º e 2º graus, já havia repensado e acentuado a necessidade

de redefinição do curso de Pedagogia, no sentido de ajustá-lo à preparação de professores para as séries iniciais do 1º grau.

Em 1986, o Parecer do CFE 161/86 de autoria da Conselheira Eurides Brito da Silva propôs a reformulação do curso de Pedagogia, defendendo a existência dos especialistas e recomendando o incentivo aos Projetos Experimentais de Reformulação do Curso de Pedagogia, que deveriam ser acompanhados pelo MEC. A partir desse Parecer, surgiram várias experiências pedagógicas em cursos de Pedagogia, inclusive o da Universidade Federal do Piauí – Campus Ministro Reis Velloso – Parnaíba, quase sempre oferecendo a formação de professores para as séries iniciais do ensino fundamental. Foi, portanto, nesse contexto histórico de reestruturação do curso de Pedagogia que fiz o meu curso superior.

Esse curso teve duração de cinco anos (1986 a 1991), nesse percurso ocorreram duas greves, como parte das reivindicações dos professores contra algumas medidas do Governo Federal, justificando, assim, minha permanência por 5 (cinco) anos na universidade.

No histórico escolar constavam diversas disciplinas, dentre as quais destaco, Métodos e Técnicas de Pesquisas Pedagógicas. Nessa disciplina, a professora Maria Christina de Moraes Sousa Oliveira, juntamente com minha turma, no 2º período de 1988, implantou o Projeto Educacional da Escola de Aplicação do Curso de Pedagogia. Tratava-se de um projeto que beneficiaria os estudantes do curso de Pedagogia, servindo de campo de estágio e laboratório de pesquisa e experiências pedagógicas para os alunos do referido curso. Esse projeto foi implantado, inicialmente, em caráter experimental, no dia primeiro de agosto de 1989, com o objetivo de desenvolver atividades de reforço de aprendizagem com um grupo de crianças do ensino fundamental de 1ª a 4ª série. Posteriormente, o projeto dessa escola foi ampliado, atendendo à demanda das classes regulares do ensino de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, recebendo o apoio tanto da ADUFPI – Associação dos Docentes da Universidade Federal do Piauí quanto da Prefeitura Municipal de Parnaíba, instituições que ficaram responsáveis pelos salários das primeiras professoras. Destaco, também, a importância do apoio que a direção do Campus Ministro Reis Velloso ofereceu ao projeto, cedendo o espaço físico ocioso das salas de aula desse Centro de Ensino Superior.

Foi diante das discussões sistematizadas nas disciplinas estudadas no Curso de Pedagogia que passei a pensar na possibilidade de começar a colocar em prática os

conhecimentos adquiridos nesse processo de formação. Dessa forma, em 1989, iniciei minha vida profissional na Unidade Escolar São Luís Gonzaga, em uma classe de 1ª série do primário. Essa escola foi, na realidade, um grande laboratório.

As discussões sistematizadas no decorrer do Curso sobre o processo de desenvolvimento e formação da criança, à luz da abordagem de Piaget, serviram de referencial teórico e prático que contribuíram, significativamente, na condução do processo de ensino-aprendizagem que eu desenvolvia na escola na qual trabalhava. Nessa escola, pela primeira vez, senti de perto o calor das crianças. Tratava-se de uma sala composta por 18 crianças carinhosas, meigas e alegres que aprendiam com facilidade tudo que lhes era ensinado; o convívio com os alunos, os pais e a própria escola, foi me envolvendo, quando eu percebi, já estava apaixonada, eu amava estar naquela sala, eu era feliz dando minhas aulas.

Descobri, nesse período, a liberdade existente dentro de mim, talvez por isto é que as atividades que eu realizava na sala de aula davam liberdade de expressão e criação às crianças. O clima existente entre nós era bastante agradável, eu procurava resgatar a criança que sempre existiu dentro de mim, assim, a música, as canções infantis, as histórias e dramatizações, constantemente, estavam presentes no meu trabalho. Dessa forma, o primeiro ano de experiência profissional foi positivo, não tive frustrações. Ficou, sim, na realidade, muita saudade.

No ano seguinte fui destinada a assumir uma sala de alfabetização. Foi uma experiência gratificante e sensibilizadora. Eu não tinha nenhuma formação para essa atividade, mesmo assim, procurei formas diversificadas de conduzir o processo de alfabetizar crianças, as dificuldades não me desestimularam, pelo contrário, soavam como desafios.

Meses após o início desse trabalho, um dos meninos falou: - tia, estou lendo; em seguida, leu o que estava escrito na minha camiseta. Eu vivi uma emoção inigualável, acredito que na profissão do magistério não exista experiência igual ou mais intensa, profunda, agradável e gratificante do que o prazer de alfabetizar.

O currículo do curso de Pedagogia comportava disciplinas que permitiam desencadear discussões a respeito do que era trabalhado nas salas de 1ª a 4ª série, visto que era essa a atribuição do referido curso. As demais disciplinas permitiam reflexões a respeito das práticas educativas desenvolvidas nos espaços escolares.

Em 1990, cursei o penúltimo bloco do curso, nele estavam as últimas disciplinas – Metodologias de Ensino I, II e III, essas tinham como objetivo mostrar como proceder diante de uma sala de aula, uma vez que, em seguida, viria o último bloco do curso e esse era destinado apenas para o estágio supervisionado. Esse estágio era feito em Disciplina Pedagógica e Áreas de Estudo de 1º Grau. Assim, esse estágio era dividido em docência de 1º grau (1ª a 4ª série) e Didática e Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Graus.

O fato das metodologias do ensino e o estágio só acontecerem no final do curso criava dificuldades para os alunos(as) que até então desconheciam a realidade das escolas onde iriam estagiar, assim, também, como proporcionava um distanciamento entre teoria e prática. Felizmente, esse fato não aconteceu comigo, uma vez que, ao término do curso, eu já tinha experiência na docência, em especial, em salas de alfabetização e 1ª série, o que me eximiu do primeiro momento do estágio.

Para proceder com o estágio, juntamente com duas amigas, decidimos trabalhar a Didática e a Estrutura e Funcionamento em forma de mini-curso na zona rural da cidade de Parnaíba. Escolhemos uma comunidade de nome Brandão, fizemos o primeiro contato, conseguimos na faixa de dez professores de diversas séries das comunidades vizinhas e realizamos um minicurso com vinte horas-aula. Esse minicurso destacava atividades relacionadas com a Didática, dando ênfase a textos que colocavam em pauta a importância dessa disciplina na formação do professor. Quanto à disciplina de Estrutura e Funcionamento, foi trabalhada com o grupo de alunos a importância da legislação para a formação dos professores. Fizemos, também, atividades recreativas, assim como diversas dinâmicas que tornaram o curso mais alegre e atrativo.

Possivelmente, esse tenha sido um dos momentos mais marcantes do Curso de Pedagogia, assim como para a minha formação. Nesse evento, eu e minhas colegas, Francisca Alves e Ivonete Pereira, cumprimos parte do estágio. Nessa experiência, encontrei profissionais que, mesmo após vinte anos de profissão, ouviam as explicações, buscando novo sentido para ressignificar suas práticas. Esse estágio foi um grande desafio, um grande aprendizado.

Em 1992, ingressei no Magistério Público Estadual por meio de concurso público de provas e títulos. Intitulada como professora “classe A”, assumi a regência, na Unidade Escolar Celso Pinheiro, na cidade de Teresina, de uma turma de 2ª série do primário, hoje, denominamos ensino fundamental. Tratava-se de uma sala composta por crianças pobres, fora da faixa etária escolar que, segundo os professores da escola, não queriam e não

seriam nada. Eu sempre acreditei nas coisas boas e com relação às coisas ruins, na minha visão, é necessário, primeiro, que elas aconteçam para que eu possa vir a acreditar. Essa lição eu aprendi no magistério da vida. Dessa forma, eu não tinha porque não acreditar naquelas crianças.

Para começar o trabalho nessa turma, não usei somente lápis, giz e borracha, usei, em especial, carinho, compreensão, ternura e muito amor. Mantive o propósito de fazer diferente de tudo que essas crianças já tinham visto, elas se entusiasmavam e acreditavam que podiam aprender e, no final, foram aprovadas. Deu certo. Acompanhei essa turma dois anos consecutivos. Infelizmente, nem todos conseguiram permanecer na escola e, apesar do meu empenho, muitos desistiram, mas aqueles que ficaram concluíram a 4ª série. Eu me senti gratificada.

Concomitantemente ao trabalho desenvolvido na Escola Celso Pinheiro, ministrei aulas de Prática de Ensino em diversos Cursos Pedagógicos de escolas particulares do ensino médio de Teresina. Nesse período, observei que grande parte dos professores que trabalhava nessas escolas utilizava a proposta construtivista de conhecimento, mas, nesses espaços formativos perduravam os ranços das pedagogias tecnicista e tradicional. Nesse cenário, presenciei as mudanças ocorridas na educação em função da nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96).

Em 2003, realizei e foi aprovada no concurso público de provas e títulos para professor substituto da UFPI (Universidade Federal do Piauí). Esse concurso abriu portas para que eu tivesse a oportunidade para ressignificar minha prática.

Em 2004, a partir da convivência na academia com alunos e professores mestres e doutores, comecei a sonhar com outras possibilidades. O trabalho conjuntamente com uma amiga, professora da própria universidade, seu exemplo de luta, sua garra, sua sabedoria me fizeram lançar novos olhares sobre minha realidade, renasceria, nesse momento, o desejo de cursar um mestrado.

Foi, assim, diante de um processo de reflexões instituídas no meio acadêmico, que surgiu o desejo de pesquisar o modelo formativo do curso de Pedagogia do Campus Ministro Reis Velloso – Parnaíba, uma vez que foi esse o modelo pelo qual passei, portanto, minha escolha não poderia ser outra, haja vista que toda a minha formação sempre esteve pautada na Pedagogia. Dessa maneira, esse modelo se tornou objeto de pesquisa da minha dissertação. As reflexões sobre ele se intensificam a cada dia, como aluna do Mestrado em Educação – UFPI, estou tendo a oportunidade de me apropriar de

conhecimentos e desenvolver estudos mais completos que possibilitam o desenvolvimento da minha dissertação.

Evidencio, por meio dessa história, que, contrariamente ao que se possa pensar, a narrativa de vida de uma pessoa, seja ela no âmbito pessoal ou profissional, não é tarefa fácil, isso porque, quando a pessoa narra sua história, desnuda-se diante dos ouvintes ou leitores e passa a revelar seus acertos e erros, sonhos e realizações. Dessa forma, a narrativa que relatei vai se cruzar com as dos professores colaboradores desta pesquisa com o objetivo de trazer à tona reflexões em torno do modelo formativo do Curso de Pedagogia da UFPI/CMRV.

Nessa perspectiva, o entusiasmo e compromisso em narrar minha história e a histórias dos professores fundadores do referido Curso faz com que momentos importantes ocorridos durante o processo formativo do qual participei e do qual esses profissionais foram protagonistas, sejam revividos.

As memórias relatadas por meio das narrativas possibilitaram olhar sobre o projeto formativo do Curso de Pedagogia, assim como sobre o trabalho de formação realizado pelos professores fundadores desse curso, que transformaram utopias em realidade. Da mesma forma, a reconstrução destas memórias permitiram que os colaboradores, ao narrarem suas histórias, refletissem sobre esse percursos, compreendendo a contribuição de suas trajetórias pessoais e profissionais para a formação de outros professores. Essas trajetórias também evidenciam a paixão desses profissionais pela profissão de professor, pela educação, e em especial, pela Pedagogia, assim como a contribuição destes mestres para a educação. É por essa razão que optei por trabalhar com as narrativas profissionais desses professores.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências vivenciadas e relatadas em forma de narrativa escrita, ao longo da minha trajetória de formação e exercício profissional, foram permeadas por sentimentos, emoções e crenças. Neste percurso, fui transportada, para campo de reflexão sobre mim mesma, tendo a oportunidade de repensar sobre cada momento vivido no período de minha formação.

As narrativas, como opções teórico-metodológica, favorecem a construção de rede interpretativa que permite a análise da minha trajetória pessoal e profissional, criando espaço para a compreensão das inter-relações entre elas.

Ao narrar minha história, compreendi a mim mesma, dando ênfase a minha trajetória escolar, em que pude compreender as regularidades e irregularidades ocorridas neste período. Enfatizei as lembranças ocorridas na entrada da escola, assim como as experiências formadoras por meio dos momentos vividos nessa época.

Nesse percurso, revelei a escolha pela profissão de professora, os cursos de aperfeiçoamento realizados, as crises ocorridas no período da formação, compreendendo, assim, que a formação inicial não pode ser concebida como algo acabado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, **Comissão Central de Currículo/Conselho Federal de Educação**. Parnaíba. 161/86 de 05/03/1986: reformulação do curso de Pedagogia, 1999.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação. **Lei 9394/06**. 4. ed. Rio de Janeiro: Degrau Cultural, 2001.

BRASIL. Lei nº 5692, de 11 de agosto de 1971. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º grau e dá outras providências. In: SCHUCH, V. F. (org.). **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e o Magistério**, 4ª ed. Porto Alegre: Sulina, p. 65-83, 1972.

CHENÉ, Adele. Narrativa de formação e formação de formadores. In: Nóvoa, António e FINGER, Mathias. **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa. 1988.

DEMO, Pedro. **Pesquisa princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 1996.

DOMINICÉ, Pierre. O que a vida lhes ensinou. In: NÓVOA, António e FINGER, Mathias. **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa. 1988.

KULLOK, Maisa Gomes Brandão. **Formação de professores para o próximo milênio: novo lócus?**

OLIVEIRA, Maria Christina de Moraes Sousa. **Curso de Pedagogia 1984-1994** (mimeog.). Parnaíba: Academia Parnaibana de Letras, 1994.

PILETTI, Claudino. **Didática geral**. São Paulo: Ática, 1993.

PIMENTA, Selma Garrindo. **O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática?** São Paulo: Cortez, 2005.